

MACHADO DE ASSIS E O “INSTINTO DE NACIONALIDADE”: O NACIONALISMO ROMÂNTICO SOB SUSPEITA

*MACHADO DE ASSIS AND “INSTINTO DE NACIONALIDADE”:
ROMANTIC NATIONALISM UNDER SUSPICION*

Greicy Pinto Bellin¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o célebre ensaio “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, escrito por Machado de Assis em 1873, a fim de compreender como o autor se posicionou em relação ao problema do nacionalismo e da construção da identidade nacional na literatura brasileira do século XIX. Acredita-se que, ao propor a noção de *sentimento íntimo*, Machado estivesse colocando o nacionalismo romântico sob suspeita, uma vez que tal noção questiona e problematiza o pertencimento dos textos literários a o que a crítica brasileira convencionou chamar de *cor local*.

Palavras-chave: nacionalismo romântico, identidade nacional, cor local.

Abstract: This article's aim is to analyze the famous essay “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, written by Machado de Assis in 1873, in order to understand the author's attitude in relation to nationalism and the construction of national identity in nineteenth-century Brazilian literature. We believed that, by posing the notion of *sentimento íntimo*, Machado was putting romantic nationalism under suspicion, as this notion questions and problematizes the relation of literary texts to the conventional idea of *local color*, which is usually held by Brazilian critics.

Keywords: romantic nationalism, national identity, local color.

A literatura brasileira do século XIX caracteriza-se por uma grande importância conferida ao nacionalismo e à constituição da identidade nacional, que se manifesta em textos nos quais predominam as descrições da natureza e a caracterização do índio

¹ Doutoranda em Estudos Literários, UFPR.

enquanto herói da nação. Trata-se de um contexto impregnado pelo pensamento romântico, que começa, na década de 1870, a passar por algumas alterações. Sintomático disto é o célebre ensaio “Notícia da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”, da autoria de Machado de Assis, publicado em 1873. Nele, o jovem escritor emite uma nota dissonante em relação à questão da nacionalidade tal qual era vista pelos românticos, colocando o nacionalismo defendido por estes sob suspeita. O objetivo do presente artigo é justamente analisar o ensaio machadiano, com a finalidade de entender como o autor se posiciona acerca do problema da identidade nacional, procurando identificar as possíveis soluções que ele propõe para este mesmo problema. Além disso, serão apontados, ainda que brevemente, alguns efeitos do posicionamento crítico de Machado de Assis no desenvolvimento posterior de correntes da historiografia literária brasileira, que o percebiam como absenteísta e desvinculado das questões sociais de seu tempo.

A concepção romântica de nacionalidade, que teve em escritores como José de Alencar um de seus maiores propagadores, começa a ser questionada pela intelectualidade brasileira por volta de 1870. Hélio de Seixas Guimarães aponta o fim da Guerra do Paraguai como o estopim definitivo deste processo, que acabou por chamar a atenção para um idealismo que se encontrava, na realidade, associado a um desconhecimento real e profundo dos contrastes e problemas da nação brasileira. (GUIMARÃES, 2004, p. 70). De acordo com Guimarães, a Guerra do Paraguai promoveu o encontro de brasileiros de várias províncias e várias origens sociais, marcando o início de “um momento de crise que corresponde à tomada de consciência de um estado de penúria real que levara os escritores a se afastarem da literatura romântica, vista como falácia espiritual.” (GUIMARÃES, 2004, p. 86). O recenseamento de 1870, por sua vez, apresentou dados que vieram a reforçar o “estado de penúria” apontado pelo autor, principalmente no que diz respeito à taxa de pessoas alfabetizadas no país, que correspondia a apenas 18% da população livre. Soma-se a isto a consolidação de

um público leitor afeito apenas à leitura de obras estrangeiras, que, com sua constante presença, obliteravam a preferência pelas obras produzidas em solo nacional. (GUIMARÃES, 2004, p. 76). Todas estas informações apontam para a existência de um projeto nacionalista que o autor qualifica de “míope e mistificador”, pelo fato de veicular, por meio da literatura, uma compreensão bastante restritiva do país, que se verifica, por exemplo, na exclusão do escravo, o principal segmento componente da força produtiva no Brasil. Tal exclusão, somada aos dados do recenseamento e à inegável presença da influência estrangeira, fizeram com que surgisse, ainda na visão de Guimarães, uma discrepância entre “a intenção de representação/constituição da nação pelo romance e as possibilidades reais de alcance desta representação.” (GUIMARÃES, 2004, p. 100). Machado de Assis foi um dos autores que estavam atentos a esta problemática, passando a manifestar, em seus textos de crítica, questionamentos bastante lúcidos em relação à inviolabilidade do projeto nacionalista tal qual era veiculado pelo Romantismo brasileiro.

A princípio, Machado produziu textos críticos nos quais transparece uma forte ligação com o projeto nacionalista romântico, como é o caso de “Ideias sobre o teatro”, de 1858. Ao analisar a produção teatral no Brasil, o escritor manifesta um nacionalismo quase xenófobo, como se pode perceber no trecho abaixo:

O teatro tornou-se uma escola de aclimatação intelectual para que se transplantaram as concepções de estranhas atmosferas, de céus remotos. A missão nacional, renegou-se a ele em seu caminhar na civilização; não tem cunho local; reflete as sociedades estranhas, vai a impulso de revoluções alheias à sociedade que representa, presbíta da arte que não enxerga o que se move debaixo das mãos. (...) Pelo lado da arte o teatro deixa de ser uma reprodução da vida social na esfera de sua localidade. A crítica resolverá debalde o escarpelo nesse ventre sem entranhas próprias, pode ir procurar o estudo do povo em outra face; no teatro não encontrará o cunho nacional; mas uma galeria bastarda, um grupo furta-cor, um associação de nacionalidades. (ASSIS, 2008, p. 1029-1030).

A leitura deste excerto nos permite concluir que Machado considerava como perniciosa a influência francesa, pelo fato de esta ocupar o espaço da produção nacional, desestimulando, com isto, o desenvolvimento de uma produção verdadeiramente local. Esta, na visão do autor, deslancharia sem a presença cultural estrangeira, vista como um entrave. Como se pode constatar, o raciocínio de Machado está em consonância com o ideário romântico, o que será superado quase quinze anos mais tarde com a publicação de “Instinto de nacionalidade”. Para João Hernesto Weber, “a atuação crítica e reflexiva de Machado de Assis em torno da nacionalidade da literatura brasileira (...) data do início de sua atividade jornalística.” (WEBER, 2013, p. 33). Weber considera “O passado, o presente e o futuro da literatura”, também de 1858, como uma espécie de rascunho daquele que viria a ser o mais conhecido ensaio crítico do escritor. Assim como em “Instinto de nacionalidade”, Machado, já no início de sua carreira literária, faz um rastreamento da produção literária local desde o Arcadismo, propondo, ainda que de forma imatura e incipiente, uma interpretação dialética da literatura brasileira, na qual divisa, como o próprio título propõe, a existência de um passado, de um presente e de um futuro. Da mesma forma que em “Ideias sobre o teatro”, o autor reclama da influência estrangeira, cuja presença constante caminha na contramão dos anseios literários nacionalistas. Em “Instinto de nacionalidade”, tais anseios darão lugar à noção de “sentimento íntimo”, segundo o qual o escritor não precisa necessariamente remeter a dados locais para que seja considerado “um homem de seu tempo e de seu país.” (ASSIS, 2008, p. 1205). Desta maneira, observa-se uma evolução no pensamento crítico de Machado, que amadurece as ideias expostas em seus primeiros ensaios, ainda que neles já esteja presente o embrião das reflexões a serem desenvolvidas em 1873.

João Hernesto Weber afirma que “Instinto de nacionalidade” apresenta duas camadas de leitura, uma delas aparente, na qual se observam “a vinculação com as teses românticas sobre o sentido da nação e literatura nacional, além de uma possível

inserção de Machado na literatura indigenista”, e uma camada mais profunda e pouco aparente, caracterizada por reticências, negações, e por um “estilo carregado de adversativas que permeiam o texto, a ponto de Machado negar as teses românticas na sua exclusividade, para, finalmente, abrir o leque do que poderia significar literatura nacional.” (WEBER, 2013, p. 32). A primeira camada pode levar o leitor a identificar o ensaio com o horizonte discursivo do Romantismo, ainda bastante vivo no ano de sua publicação, apesar dos questionamentos relativos às correspondências entre projeto literário nacionalista e realidade brasileira. Seria possível estabelecer, portanto, uma interpretação que insere “Instinto de nacionalidade” no “clima de ufanismo pela constituição de uma pátria nos trópicos, livre dos entraves coloniais, principalmente em relação à metrópole.” (WEBER, 2013, p. 36). Todavia, a existência de uma outra camada de leitura praticamente anula tal possibilidade interpretativa, uma vez que Machado constrói “uma espécie de subtexto, que mina o texto aparente”, desautorizando uma leitura meramente nacionalista. Neste sentido, Weber afirma o seguinte: “Ao mesmo tempo em que Machado reconstitui o discurso romântico, ele o destrói em sua exclusividade, com sua peculiar dialética discursiva, que aponta o erro das opiniões excludentes.” (WEBER, 2013, p. 38). Talvez resida aí a originalidade da reflexão machadiana, que faz de “Instinto de nacionalidade” uma das principais referências para a crítica e a historiografia literária brasileiras.

No início de seu ensaio, Machado se aproxima das teses localistas do Romantismo ao reconhecer a presença de traços locais nas obras de vários autores importantes da nossa literatura:

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há como negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de Gonçalves Dias, Porto Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega, como aqueles continuaram as de José

Basílio da Gama e Santa Rita Durão. Escusado dizer a vantagem inicial deste acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional. Esta outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará um dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo. (ASSIS, 2008, p. 1203).

A partir de tais constatações, percebe-se que o “instinto de nacionalidade”, manifesto nas descrições da “vida brasileira” e da “natureza americana”, é a linha mestra de uma independência literária que “não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga”. Ao afirmar que a libertação dos padrões literários europeus “não se fará um dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura”, Machado demonstra possuir uma grande lucidez em relação ao processo de formação de nossa literatura, que, ele reconhece, necessitaria de várias gerações de escritores para se constituir como tal. A ideia de continuidade literária, aliada a um esforço no sentido de construir uma literatura própria, mostram que o escritor estava consciente de um processo que seria, quase um século depois, analisado por Antonio Candido em seu célebre *Formação da literatura brasileira*. Além disso, o que parece ser a tese central do ensaio converte-se em um questionamento em relação ao pertencimento dos textos literários à *cor local*, expresso pelo trecho abaixo:

É certo que a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os títulos da nossa personalidade literária. Mas se isto é verdade, não é menos certo que tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe. (ASSIS, 2008, p. 1204).

Observa-se, para João Hernesto Weber, o rompimento com a ideia de encarceramento aos limites do local, evidenciando uma tentativa de se alargar o leque do que pudesse significar *literatura nacional*. (WEBER, 2013, p. 37). Com base nisto, Machado afirma que, apesar de relevante, a vida indiana não comporta “todo o

patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro quanto universal”, de forma que “não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração.” (ASSIS, 2008, p. 1205). Para o autor, os *costumes civilizados* são também matérias para a criação literária, como se pode perceber na produção romanesca do período, mais especificamente nas obras de Bernardo Guimarães, José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Franklin Távora. Ao remeter a seus contemporâneos, ele reforça a noção de alargamento do escopo da literatura nacional para além do indianismo e do nacionalismo, mostrando que os principais representantes de tais vertentes podem ser, eles também, expoentes de outras formas de se representar o Brasil. Neste sentido, Machado também cita Gonçalves Dias, cuja obra *Os Timbiras* pode até pertencer ao que ele chama de “panteão nacional”, ao passo que as *Sextilhas de frei Antão* pertenceriam à literatura portuguesa, “não só pelo assunto que o poeta extraiu dos historiadores lusitanos, mas até pelo estilo que ele habilmente fez antiquado.” (ASSIS, 2008, p. 1205). Assim sendo, o pertencimento de textos e autores à *cor local* é realmente questionado por Machado, que afirma ser *errônea* a opinião que “só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais de nossa literatura.” (ASSIS, 2008, p. 1205).

O escritor deixa claro o seu posicionamento para, em seguida, oferecer o que parece ser sua chave interpretativa do problema: “O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda que trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.” (ASSIS, 2008, p. 1205). A noção de “sentimento íntimo” apontaria, na visão de João Hernesto Weber, para uma transformação da tradição romântica, algo que Machado efetivaria por meio de uma produção ficcional calcada no Realismo e no que ele mesmo chama de “romance de análise”. (WEBER, 2013, p. 44). Desta forma, pode-se dizer que o escritor, talvez conscientemente, tenha se apoiado no raciocínio desenvolvido em “Instinto de nacionalidade” para ir em busca de novas maneiras de se produzir literatura, o que

evidencia a habilidade machadiana em encontrar uma voz própria para a expressão do que o próprio autor chamou de “sentimento íntimo”.

Na sequência do ensaio, Machado aponta o romance como o gênero mais promissor da literatura brasileira, fazendo uma pequena ressalva: “Do romance puramente de análise, raríssimo exemplar temos, ou porque a nossa índole não nos chame para aí, ou porque seja esta casta de obras ainda incompatível com a nossa adolescência literária.” (ASSIS, 2008, p. 1206). Percebe-se, mais uma vez, a lucidez do escritor em relação ao estado real de nossa literatura, cuja pouca maturidade, expressa pela noção de “adolescência literária”, se manifestaria na quase nula presença do que ele chama de “romances de análise”. Conforme já dito no parágrafo anterior, tais romances seriam desenvolvidos pelo próprio Machado e também pelos naturalistas, que imprimiam em suas narrativas um forte tom documental, associado a uma descrição contundente da realidade social de fins do século XIX. Outro aspecto digno de atenção em “Instinto de nacionalidade” é a reflexão, ainda que breve, acerca do desenvolvimento do gênero conto em terras brasileiras:

No gênero dos contos, à maneira de Henri Murger, ou à de Trueba, ou à de Charles Dickens, que tão diversos são entre si, têm havido tentativas mais ou menos felizes, porém raras, cumprindo citar, entre outros, o nome do sr. Luís Guimarães Júnior, igualmente folhetinista elegante e jovial. É gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor. (ASSIS, 2008, p. 1207).

Transparece, na citação acima, a noção de que os escritores brasileiros produzem suas obras em consonância com os modelos estrangeiros, que seriam, no que diz respeito ao gênero conto, representados por Henri Murger e Charles Dickens. Machado também demonstra ter consciência da pouca maturidade e expressividade do conto na literatura brasileira, citando Luís Guimarães Júnior como o único escritor que exerce o domínio da ficção curta. De fato, a presença da ficção curta na literatura

romântica do século XIX era inexpressiva, sendo que coube ao próprio Machado de Assis desenvolvê-la e abrir terreno para que outros escritores também se aventurassem por ela. Cabe ressaltar, no entanto, que a quase completa ausência do conto não se deu em função de uma simples antipatia nutrida pelos autores, e sim pelo fato de ser um “gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade”. A dificuldade apontada pelo autor talvez resida no fato de que, para escrever um conto, o escritor precisa condensar a ação, diferente do que ocorre no romance, gênero que permite longas digressões. A “aparente facilidade” da ficção curta pode ser, portanto, questionada, uma vez que quem o escreve deve estar atento aos detalhes e à progressão do enredo na direção do clímax. Ao apontar a existência de uma lacuna na produção literária brasileira oitocentista, portanto, Machado de Assis não se mostra nem um pouco ufanista em relação a esta mesma produção, pois identifica nela deficiências causadas por particularidades relativas a um gênero específico. Isto não significa, contudo, que o autor desmereça o fazer literário de sua época, que tem no romance seu gênero mais promissor: “Boa e fecunda terra, já deu frutos excelentes e os há de dar em muito maior escala.” (ASSIS, 2008, p. 1208).

Ao discorrer sobre a poesia, Machado mantém sua crítica à abundância de detalhes relacionados a uma suposta expressão da *cor local*:

Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais. Aprecia-se a cor local, mas é preciso que a imaginação lhe dê os seus toques, e que estes sejam naturais, não de acarreto. Os defeitos que resumidamente aponto não os tenho por incorrigíveis; a crítica os emendaria; na falta dela, o tempo se incumbirá de trazer às vocações as melhores leis. (ASSIS, 2008, p. 1209).

Neste trecho, Machado reconhece como superficial a tendência a inserir “muitos nomes de flores ou aves do país”, como se este vocabulário transformasse a literatura brasileira em algo verdadeiramente nacional. Para o escritor, a preocupação com a *cor*

local não deve obliterar a natureza imaginativa do trabalho poético, que, conforme suas palavras permitem inferir, se converte em uma síntese entre aspectos da realidade concreta, no caso, a natureza brasileira, e a imaginação do poeta. Assim sendo, o escritor não está necessariamente desmerecendo a importância da *cor local* e sim advogando, para a poesia brasileira, o quinhão de fantasia que caracteriza toda e qualquer obra poética, independente do tempo e do espaço em que ela é produzida. Ao afirmar isto, Machado aponta, ainda que de forma implícita, para a noção de “sentimento íntimo”, que não está relacionado apenas com a representação da natureza brasileira mas também com a capacidade criativa do artista, capaz de elaborar imaginativamente o real para dar origem a uma obra literária.

Com base na análise do ensaio, constata-se que, ao invés de um “instinto de nacionalidade”, Machado de Assis construiu uma consciência de nacionalidade, sem enveredar pelo nacionalismo ufanista dos românticos ou considerar a *cor local* como a única possibilidade de representação literária em uma nação que nutria relações de dependência cultural com o estrangeiro. Tais ideias forneceram as bases para uma série de discussões, travadas pela crítica literária ainda no século XIX, a respeito da presença (ou ausência) do conteúdo local na obra machadiana. Os primeiros críticos da obra de Machado consideravam o escritor um alienado em relação ao seu tempo, conforme expresso nesta citação de Hélio de Seixas Guimarães:

De par com o reconhecimento quase geral do grande talento e da correção de sua escrita, a obra inicialmente foi percebida como um rematado capítulo de negativas. Faltavam-lhe a paisagem brasileira, a descrição dos costumes, a anotação da linguagem do povo, o interesse por questões momentosas, tais como a decadência do Império e a escravidão. Faltavam ainda movimentação de enredo, colorido, vivacidade de imaginação, intenção moralizadora, sensualidade e carnalidade para as personagens. (GUIMARÃES, 2008, p. 276).

O suposto absentismo de Machado foi apontado por Sílvio Romero, que excluiu o autor de sua *História da literatura brasileira*, publicado em 1888. Em 1897, Romero

publicou *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*, considerado uma verdadeira síntese de seu antimachadianismo. Com base na ideia determinista de que o escritor era um centro de força que deveria refletir a sociedade a que pertence, Romero considerava a obra de Machado de Assis um verdadeiro fracasso, por conta dos seguintes fatores: “pouca exaltação patriótica, pouco impulso descritivo, baixo investimento na pintura da natureza local e linguagem reconhecida como castiça.” (GUIMARÃES, 2008, p. 277). Tal percepção, que hoje em dia sabemos ser questionável e até mesmo, errônea, afetou expressivamente a crítica machadiana até a publicação, em 1940, do ensaio “Machado de Assis paisagista”, da autoria de Roger Bastide. Nele, o sociólogo francês argumenta que, ao contrário do que se defendia até então, a obra do escritor era, sim, impregnada da paisagem carioca: “o mar banha Dom Casmurro nas suas ondas salgadas, verdes e turvas; ondas que vêm morrer em cada linha, deixando sobre cada palavra flocos de espuma, canções noturnas.” (BASTIDE, apud ASSIS, 2008, p. 43). A contribuição de Bastide conseguiu alterar um paradigma de interpretação até então muito arraigado, o que veio a influenciar a crítica machadiana do restante do século XX. É neste contexto que surge a denominação “romancista do Segundo Reinado”, formulada por Astrojildo Pereira, que afasta “a ideia de que Machado tenha sido um absenteísta, um indiferente à realidade social do Brasil de seu tempo.” (GUIMARÃES, 2008, p. 275). Lúcia Miguel-Pereira, em *Prosa de ficção*, de 1950, parte da noção de que Machado era pouco brasileiro para registrar a constante oscilação da crítica em torno do autor, que ora o representava como nacionalista, ora como alheio à sociedade que o rodeava. (PEREIRA, apud ASSIS, 2008). A preocupação com a dicotomia local *versus* universal é de fato muito marcante nos estudos sobre a obra do escritor, não tendo deixado de ser considerada por críticos de fins do século XX e início do século XXI, entre eles Abel Barros Baptista, que propõe uma compreensão diferenciada dos escritos de Machado com base na ideia de “propósito cosmopolita”.

A reflexão de Baptista se concentra no questionamento de dicotomias que, apesar de arraigadas por séculos de crítica literária, se revelam limitadoras para a compreensão da obra de um dos maiores escritores brasileiros. O estudioso afirma que a existência de um nacionalismo profundo ou inconsciente tornaria inviável a possibilidade de se interpretar os textos de Machado a partir de um “propósito cosmopolita”, que se materializa na “aceitação da impossibilidade de nacionalização plena das formas literárias, antigas ou modernas”, e no “reconhecimento da estabilidade e da transportabilidade das formas diante das modalidades de apropriação, de enraizamento, de particularização.” (BAPTISTA, 2009). Ao afirmar isto, o autor demonstra criticar a ideia de “nacionalismo profundo ou inconsciente”, considerando-o como limitador de uma análise que deve transcendê-lo a fim de reconhecer as particularidades da obra a ser analisada, independente de suas relações com o que é considerado local ou universal. Na visão de Baptista, este impasse transforma Machado em um “incontornável ponto de crise do paradigma hegemônico de auto-representação da literatura brasileira”, paradigma este que parece ser questionado em “Instinto de nacionalidade”, no qual o ufanismo dá lugar à noção de “sentimento íntimo” e o pertencimento à “cor local” é questionado e problematizado. Com base nestas ideias, pode-se afirmar que a argumentação desenvolvida por Machado em seu célebre ensaio se coaduna com o que Baptista chama de “propósito cosmopolita”, uma vez que rompe com o “encarceramento aos limites do local” a fim de possibilitar uma compreensão, talvez universal, da produção literária brasileira do século XIX. Resta-nos saber se tal compreensão se aplicaria à obra do próprio Machado, objeto de inúmeros e muitas vezes, inconclusivos debates, que jamais esgotam suas possibilidades de reflexão e interpretação.

Como foi possível perceber, “Instinto de nacionalidade” é um dos pontos altos da formação de Machado de Assis enquanto escritor e crítico da ideia de nação tal qual era veiculada pelo Romantismo. O ensaio nos mostra que o escritor foi capaz de trilhar

um caminho próprio, marcado pela autonomia de pensamento e por uma visão nada ingênua acerca da literatura brasileira de sua época. Tal visão, conforme analisamos, viria impactar significativamente o desenvolvimento de vertentes críticas que oscilavam entre percebê-lo como um autor verdadeiramente nacional, e considerá-lo como ponto de fuga na questão da construção da nacionalidade, o que evidencia a habilidade machadiana de oferecer múltiplas possibilidades de leitura e interpretação para sua obra.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

BAPTISTA, Abel Barros. *Ideia de literatura brasileira com propósito cosmopolita*. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada* 15. São Paulo, 2009.

BASTIDE, Roger. *Machado de Assis paisagista*. In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 34-45.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1994.

_____. *O escritor que nos lê*. In: *Cadernos de Literatura Brasileira*, v. 23, p. 273-292, 2008.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Prosa de ficção de 1870 a 1930*. (fragmentos). In: ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 58-68.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1960.

_____. *Machado de Assis: estudo comparativo de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1960.

WEBER, João Hernesto. *Machado: do discurso romântico da nacionalidade à crítica radical da nação*. In: *Machado de Assis em linha*, v. 6, n. 12, p. 32-45, 2013.